

O "ENCLAVE INTEGRATIVO":
OS ÁRABES E O FUTEBOL
EM ISRAEL
Entrevista com TAMIR SOREK

Por
JOSÉ NEVES*
e NUNO DOMINGOS**

JOSÉ NEVES E NUNO DOMINGOS – *Na época futebolística de 2003-2004, uma equipa de futebol de uma cidade árabe, Sakhin, venceu a Taça de Israel e no próximo ano vai representar Israel nas competições europeias de futebol. Que significado pode adquirir esta vitória?*

TAMIR SOREK – O modo como em geral se vive o desporto implica que se suspendam as hierarquias tradicionais da vida quotidiana e que, simultaneamente, se ponha à prova uma nossa verdadeira essência. A equipa de Sakhin venceu esta competição e o orgulho colectivo que esta experiência criou é extraordinário.

Tamir Sorek é sociólogo e lecciona na Cornell University, nos Estados Unidos da América. Esteve em Lisboa em Maio de 2004, por ocasião do Seminário Internacional que o CEAS organizou em parceria com o Arquivo Fotográfico de Lisboa – *Futebol, Ciências Sociais e Imagem*. Sorek tem centrado as suas investigações em torno das identidades nacionais e étnicas em Israel, estudando particularmente uma realidade que acaba por passar mais despercebida no conflito israelo-palestiniano, os árabes israelitas. É nesse contexto que se tem dedicado ao estudo do futebol, observando-o como um campo de jogos identitários variados. Mais recentemente, neste âmbito, publicou "Arab Football in Israel as an Integrative Enclave" (2003) e "The Orange and the Cross in the Crescent – Imagining Palestine in 1929" (2004). Paralelamente, Sorek tornou-se um dos intelectuais israelitas mais conhecidos devido à sua militância no movimento Refuznik, os soldados que se recusaram a combater por Israel nos territórios ocupados – dessa sua militância resultou um precioso livro, *Refuzniks israeliens* (2003), onde, juntamente com Fabienne Messica, elabora uma história do conflito israelo-palestiniano e dos movimentos refractários em Israel. Actualmente a trabalhar nos EUA, Sorek prepara um livro sobre a história do futebol árabe em Israel e foi precisamente pelo maior feito dessa história que começámos a nossa entrevista.

Poderíamos pensar que, nestas circunstâncias, os símbolos e os discursos nacionalistas viriam à superfície como representação do conflito entre árabes e judeus, entre palestinianos e israelitas. Na verdade, não é isto que se passa. No jogo da final da Taça, por exemplo, o discurso nacionalista não foi notado nem antes, nem durante, nem depois do jogo. Os vinte ou trinta mil adeptos árabes que vieram de todo o país (não apenas de Sakhin) para apoiar a equipa não convocaram os típicos slogans que representam, na arena política, a luta nacionalista palestiniana contra Israel.

* Doutorando em História da Cultura (ISCTE), bolseiro FCT.

** Doutorando em Antropologia (School of Oriental and African Studies, Londres), bolseiro FCT.

JN e ND – *O que reforça de alguma forma o sentido da sua tese que conclui que o futebol árabe em Israel representa um enclave de integração social, uma forma dos árabes se integrarem na sociedade israelita e não tanto um espaço de conflito...*

TS – O futebol árabe em Israel é de facto um espaço de integração, uma forma dos árabes se identificarem com a sociedade israelita, de se relacionarem. O futebol dá-lhes essa oportunidade. No futebol também não encontramos facilmente símbolos que representem o sionismo. As próprias autoridades israelitas procuram que o futebol seja um espaço plural, ignorando os símbolos nacionalistas e encarando o futebol como algo de “puro”.

JN e ND – *Mas as autoridades israelitas, tal como a própria imprensa, têm noção de que o futebol pode preencher uma importante função de integração social?*

TS – O futebol serve para os árabes sentirem que podem ter tanto sucesso como os judeus numa actividade específica que não está relacionada com o poder político directo. Na sociedade israelita – está escrito – é possível que indivíduos árabes ocupem lugares de autoridade, como os cargos de ministro, juiz ou outros cargos públicos. No entanto, como sabemos, isso não acontece. O futebol, em sentido contrário, é um espaço que se abre ao sucesso árabe. A sociedade israelita encara de forma muito positiva este êxito. O sucesso da equipa de Sakhin foi recebido entusiasticamente. O jornal mais popular em Israel dedicou seis páginas à vitória do Sakhin na final da Taça e isto no mesmo dia em que houve fortes combates em Raffa, ou seja, em pleno conflito entre israelitas e palestinianos.

JN e ND – *E da parte dos jornais árabes em Israel, o jogo é discursado e narrado em termos nacionalistas?*

TS – A imprensa árabe em Israel mobilizou os símbolos e discursos que representam o conflito entre Israel e a Palestina, sendo o jogo comparado como mais uma etapa na guerra histórica entre israelitas e palestinianos.

JN e ND – *Encontra-se então, no universo da população árabe, uma diferença entre a leitura jornalística do jogo e a experiência do jogo a nível dos adeptos. E como se processa a nível dos próprios jogadores? Os jogadores árabes que jogam em Israel definem-se mais ou menos genericamente em termos de uma identidade palestiniana e, no entanto, para eles, de acordo com o que conclui nos seus textos, é mais importante afirmarem-se como jogadores de futebol. Poderíamos falar de uma identidade nacionalista do jornalismo árabe em dissonância com uma identidade futebolística (profissional) dos jogadores árabes?*

TS – Sim. Não é surpreendente que os jogadores actuem dessa forma. Os atletas árabes estão constantemente a enfatizar a sua identidade profissional. Eles querem ser jogadores de corpo inteiro e, como tal, também israelitas, uma vez que é mais fácil vencer nesta esfera profissional se forem considerados israelitas. Eles definem-se considerando-se pertencentes à sua esfera de actividade profissional, a esfera do futebol. Uma atitude semelhante é notada no próprio público em diferentes situações – mesmo quando alguém diz que o árbitro errou porque quis prejudicar os árabes, o desejo subjacente a tal acusação é o direito a um tratamento em igualdade e não a intenção de provocar o conflito e a ruptura. Nenhum árabe diz que quer ganhar para provar que os árabes são melhores que os judeus – este discurso

não existe entre os jogadores árabes, nem no próprio público. O próprio presidente da Câmara de Sakhin declarou várias vezes que a cidade estava orgulhosa por ter ganho a Taça de Israel.

JN e ND – *Como se articula então a esfera do desporto com as outras esferas onde se manifestam claramente o protesto e a resistência nacionalistas árabes?*

TS – A esfera do jogo e as esferas normais do protesto nacionalista raramente se encontram. Tendem a pertencer a diferentes mundos para os árabes em Israel. É certo que há diferenças sociais entre as pessoas que participam nas diferentes esferas, embora existam muitos indivíduos que participam simultaneamente nos dois mundos, o mundo do desporto e o mundo da política. O interessante é que estes indivíduos que participam simultaneamente nos dois mundos desempenham, em cada um destes espaços, papéis diferentes. Existe uma espécie de contradição interna que os leva a dissociar o espaço do protesto nacionalista e o espaço do futebol. Esforçam-se por impedir uma contaminação. É raro ouvir-se um *slogan* nacionalista palestino dentro dos estádios.

JN e ND – *Podemos então estabelecer que hoje a esfera do futebol se afirma como um “enclave integrativo” para os árabes em Israel. Contudo, nem sempre assim foi. Depois da Segunda Guerra Mundial houve uma estrutura desportiva árabe autónoma dentro de Israel. O que lhe sucedeu entretanto?*

TS – Desenvolveu-se nos anos 30 e 40 um forte movimento nacionalista árabe com uma componente desportiva, concentrado sobretudo nas grandes

cidades. Estas, contudo, de alguma forma colapsaram na guerra de 1948. Depois da guerra não existiam condições para a existência de uma infra-estrutura desportiva árabe. Tal é paralelo à construção do Estado israelita e ao processo de transformação dos judeus em israelitas. Então assistimos à transformação do que foi inicialmente uma ideia de diáspora para algo que se torna estático, formado na figura do Estado. Esse é um principal sucesso do sionismo. Recorrendo-se à lenda de Israel, estabeleceu-se um Estado judeu.

JN e ND – *A nível das relações entre futebol e nacionalismo, o antropólogo Eduardo Archetti fala de “ambivalência moral” ao referir-se ao sentimento dos jogadores e treinadores argentinos que, colocando-se politicamente à esquerda, aceitaram jogar pela selecção durante a ditadura militar no Mundial de 1978. Será possível aplicar o mesmo conceito ao sentimento dos árabes que representam o campeonato israelita e Israel, como será o caso da equipa de Sakhin na próxima edição da Taça UEFA?*

TS – Muitos adeptos vivem um problema desse género, especialmente nas alturas da escalada dos conflitos. Actualmente, quando muitos palestinianos estão a ser mortos pelo exército israelita, encontramos expressões que podemos situar nesse conceito de “ambivalência moral”. Talvez futuramente seja possível observar sinais mais claros desse fenómeno. Mas neste momento não estou a ver nenhum jogador árabe a recusar-se a jogar como forma de protesto afirmando, por exemplo, que não representará Israel nas competições europeias enquanto a ocupação continuar. O que não impede que em causa estejam profundas dimensões emocionais.

JN e ND – *É possível dizer que existe uma espécie de estilo de vida judeu que se torna uma referência para os árabes, levando-os a recusar algumas das suas referências culturais?*

TS – Não existe propriamente um estilo de vida judeu porque tanto a população judaica como a árabe são diversas em si mesmas. Mas podemos afirmar que entre os árabes israelitas há a assunção que o modo de vida dos judeus israelitas está mais próximo de uma certa modernidade, que eles estão mais avançados neste contínuo imaginado do ser moderno, referenciado ao universo urbano e que a esfera do futebol simboliza. Há uma relação triangular entre o futebol, a maioria judaica e a modernidade. É uma linha de pensamento muito forte na mentalidade dos árabes israelitas: queremos ter sucesso no futebol para atingir a modernidade e queremos integrar-nos na sociedade israelita para atingir a modernidade. É claro que podemos dizer que se trata de uma percepção simplista da modernidade. E há que sublinhar que a modernização da sociedade palestina começou muito antes da existência do Estado de Israel. Aliás, depois da guerra de 1948, a parte moderna da Palestina foi destruída, incluindo as infra-estruturas desportivas. O que então ficou foi uma espécie de sociedade rural.

JN e ND – *Como podemos caracterizar melhor esta ideia de modernidade israelita?*

TS – Acredito que podemos estabelecer hoje uma aproximação a um conceito universal de modernização, conceito que inclui as relações entre os géneros e a igualdade entre homens e mulheres. Numa entrevista que fiz em Sakhin, um árabe israelita dizia-me que os judeus que forem à cidade verão que os

habitantes de Sakhin estão a jogar futebol e que não são mais uma sociedade rural. Em Sakhin joga-se futebol, tem-se acesso à Internet, etc.. O futebol afirma-se aqui como um símbolo da urbanidade e da modernidade, tal como a tecnologia. Os líderes políticos de Sakhin, quando falam em público, descrevem sempre Sakhin como uma cidade. Para o governo de Israel, Sakhin é teoricamente uma cidade, mas há uma imagem muito forte que acaba por persistir e que a toma, como a generalidade das cidades árabes em Israel, como uma aldeia. Ser moderno é, neste contexto, ser uma cidade.

JN e ND – *Neste contexto, o conflito étnico na sociedade israelita, entre a maioria judaica e a minoria árabe, articula-se de que modo e até que ponto com um conflito de classes?*

TS – Há uma dimensão de classe forte, associada ao facto da minoria árabe ser essencialmente de estratos sociais mais baixos. Mas esta questão de classe esteve sempre muito associada ao que poderíamos entender como uma questão cultural. O partido comunista sempre foi uma organização forte em Israel e, ainda hoje, a coligação de forças que o integra argumenta a necessidade de se enfatizar a questão de classe. Tende-se a defender que os árabes israelitas não deviam criar estruturas políticas baseadas na questão nacional, mas sim baseadas na sua posição de classe. Todavia, entre algumas forças árabes há a percepção de que o conceito de classe falhou. Falhou ao tentar juntar judeus e árabes na mesma infra-estrutura, estruturando o conflito social a partir de uma base económica. Os árabes resolveram então criar as suas estruturas políticas, educacionais e culturais autónomas. E estão hoje convencidos de que só a partir dessas estruturas nacionais é que é possível lutar.

JN e ND – *Porque é que escolheu o desporto como forma de estudar as relações entre árabes e israelitas?*

TS – Quando a primeira equipa árabe de futebol subiu à primeira divisão do campeonato israelita, as reacções foram muito interessantes. Comecei a informar-me sobre o fenómeno, a investigar quantas equipas árabes existiam nos campeonatos israelitas e fui surpreendido ao perceber que 42% das equipas desses campeonatos representavam aldeias, bairros e cidades árabes. Isto num quadro populacional geral em que as populações árabes representam apenas 18% da população de Israel. Tal desajuste foi o início de um problema que entendi que deveria ser examinado com maior profundidade.

JN e ND – *Ao mesmo tempo, acabou por desenvolver uma forte actividade política, acabando até por ganhar maior notoriedade através do seu activismo...*

TS – Sim, mas as coisas não estão directamente relacionadas. A minha

actividade política surgiu ainda antes de chegar a Jerusalém para estudar na universidade. Durante parte da década de 90 estive a par da situação problemática dos árabes em Israel, mas tive a esperança que as coisas se resolvessem. Depois tornou-se claro que assim não seria. Então, quando chamado a cumprir as funções militares, recusei-me a servir nos territórios árabes ocupados por Israel. Tornei-me então um dos membros activos do movimento dos Refuzniks, esses soldados que se recusam a combater nos territórios ocupados.

BIBLIOGRAFIA

- SOREK, Tamir, 2004, “The Orange and the Cross in the Crescent – Imagining Palestine in 1929”, *Nations and Nationalism*, 10 (3), 269-291.
- _____, 2003, “Arab Football in Israel as an Integrative Enclave”, *Ethnic and Racial Studies*, 26 (3), 422-450.
- SOREK, Tamir, e Fabienne MESSICA, 2003, *Refuzniks israéliens: ces soldats qui refusent de combattre en territoires occupés*, Paris, Agnès Viénot.